

TODO MUNDO CONHECE TODO MUNDO

LEA MACDONALD

Hoje foi um dia especial, o tipo de dia que reforça a nossa fé, mesmo que ela seja frágil.

Apreendi uma lição, ensinada por meu filho de seis anos, Brandon.

Eu o observava na mesa da cozinha, arrumando cuidadosamente sua lancheira. Ia levá-lo comigo ao trabalho. Ele dizia:

- Vou ser um trabalhador.

Ali estavam cuidadosamente dispostas todas as coisas de que ele precisaria durante o dia: um livrinho para colorir, lápis, uma caixa com bonequinhos, um bolinho de cereja, um "sandiche" (como ele dizia) de salada de ovo e três ovos de Páscoa.

Conviver com Brandon nos faz ver que o tempo não tem qualquer significado. Como estava atrasado, pedi:

- Se apresse! - Tenho certeza de que ele pensa que o relógio é uma arma secreta inventada pelos suíços.

Ele se apressou. Na verdade, deixou em casa o caprichado pacote do sanduíche, um problema que não me deixou esquecer nos quarenta e cinco minutos que levamos até a cidade.

Reclamou comigo várias vezes, dizendo:

- Papai, você me fez correr. Agora não tenho nada para comer.

Durante o tempo que durou a repreensão, ele mudou as palavras, mas o sentido permaneceu o mesmo:

- Preciso de alguma coisa para comer, você me fez esquecer o lanche.

Comprei um sanduíche e outro bolinho num restaurante da cidade. Satisfeito, Brandon carregou a sacola para a caminhonete e logo seus pensamentos rebeldes do tipo "sem sanduíche, nada de trabalho" foram embora.

Chegamos a um chalé nos arredores de Kingston, em Ontário, Canadá. Nosso serviço: instalar um tapete na casa.

Toquei a campainha. Ouvi o ferrolho sendo aberto, depois a fechadura e a correntinha de segurança. A porta se abriu devagar e surgiu um homem idoso e magro. Parecia doente. O cabelo branco cobria apenas algumas partes da cabeça. A camisa azul-clara sobrava nos ombros, como se pendurada em um cabide.

Sorri, perguntando se ele era o senhor Burch.

- Sou. Você veio colocar o tapete?

- Vim, sim.

- Tudo bem. Vou deixar esta porta aberta.

- Certo, vou começar o serviço.

- O senhor tem uma "geladela"? - Brandon perguntou de repente. O senhor olhou para ele, que lhe esticou a mão com seu lanche.

- Tenho, sim. Você sabe onde ela está?

- Sei, sim - disse Brandon, seguindo em frente. - Está na cozinha.

Eu ia dizer a Brandon que era muito atrevimento ir entrando daquele jeito, mas, antes que pudesse fazê-lo, o senhor levou o dedo aos lábios, indicando que não havia problema.

- Tudo bem, ele não vai passar da cozinha. Ele realmente ajuda você?

Fiz que sim com a cabeça. Brandon voltou, perguntando com sua voz mais encantadora:

- O senhor tem um livro de colorir?

Mais uma vez eu quase disse a Brandon que estava sendo inconveniente. Fiz um gesto indicando que fosse para fora. O senhor segurou-me levemente a mão. Olhou para Brandon.

- Seu pai me disse que você o ajuda.

- Sou um trabalhador - Brandon respondeu, orgulhosamente.

Olhei para baixo e acrescentei:

- Parece que o trabalho dele hoje é manter o cliente ocupado.

O senhor olhou para Brandon e soltou minha mão, com um pequeno sorriso.

- Quem sabe você pode trabalhar um pouco e me mostrar como se faz para colorir?

Com um ar muito sério, Brandon perguntou:

- Papai, você vai ficar bem?

- O senhor Burch vai ficar bem? - questionei.

- Vamos ficar bem. Vamos ficar aqui na mesa. Venha me ajudar a pegar o livro, trabalhador.

Fui até a caminhonete, voltando com o material e meu bloco de anotações a tempo de ouvir Brandon comentar:

- O senhor já coloriu este livro. O senhor colore muito bem.

- Não, não fui eu que colori. Foram meus netos.

- O que são netos? - Brandon perguntou, curioso.

- São os filhos dos meus filhos. Eu sou o avô.

- O que é um avô?

- Quando você crescer, se casar e tiver seus próprios filhos, seu pai vai ser avô. E sua mãe vai ser avó. Eles vão ser os avós de seus filhos. Entendeu?

Brandon fez uma pausa e disse:

- Entendi, vovô.

- Não, eu não sou o seu avô - explicou o senhor.

Brandon afastou o cabelo dos olhos. Estudando os lápis de cor, escolheu um, continuou a colorir e disse:

- Todo mundo conhece todo mundo, o senhor sabia?

- Não tenho tanta certeza. Por que você está dizendo isso?

- O senhor perguntou, olhando com curiosidade para o meu filho, que, aplicado, continuava a colorir.

- Nós todos viemos de Deus. Ele fez todos nós. Somos uma "familà" .

- É verdade. Deus fez todas as coisas - o senhor confirmou.

- Eu sei - disse Brandon, com uma voz alegre. - Ele me disse.

Eu nunca antes ouvira meu filho falar dessas coisas, a não ser uma vez em que fomos à igreja para assistir a um auto de Natal. Enquanto esperávamos pela apresentação, ele me perguntou por que porta Deus entraria se Ele fosse se sentar perto de nós.

- Ele lhe disse? - O senhor estava visivelmente curioso.

- É, Ele disse. Ele vive lá em cima. - Brandon apontou para o teto, olhando para o alto com respeito. - Eu "lembo" de quando estava lá e falei com ele.

- E o que foi que Ele lhe disse? - O senhor pousou o lápis sobre a mesa, prestando atenção em Brandon.

- Ele disse que somos todos uma "família". - Depois de uma pausa, meu filho acrescentou, com lógica: - Então o senhor é meu avô.

O senhor Burch me olhou de longe e sorriu. Fiquei envergonhado por ele ter me flagrado observando a conversa. Ele disse a Brandon que continuasse colorindo, pois ia verificar como estava indo o serviço.

O senhor caminhou vagarosamente até onde eu estava.

- Como está indo? - perguntou.

- Tudo bem - respondi. - Não vai demorar. - O senhor deu um leve sorriso.

- O menino tem um avô?

Parei um pouco o que estava fazendo.

- Não, não tem. Eles se foram quando ele nasceu. Ele tem uma avó, mas ela tem a saúde frágil, não está bem.

- Sei do que você está falando. Eu tenho câncer. Também não vou ficar nesta terra muito tempo.

- Sinto muito saber disso, senhor Butch. Perdi minha mãe com câncer.

Ele me olhou com seus olhos cansados, mas sorridentes.

- Todo garoto precisa de um avô - disse suavemente.

Concordei e disse:

- Mas esse não era o destino de Brandon.

O senhor olhou de novo para Brandon, que coloria animadamente. Virou-se para mim e perguntou:

- Você vem muito à cidade, filho?

- Eu? - perguntei.

-É.

- Venho quase todos os dias. O senhor me olhou novamente.

- Quem sabe você pode trazer o Brandon aqui de vez em quando, se estiver por perto, assim por uma meia hora? O que você acha?

Dentro da casa vi Brandon, que parara de colorir e estava prestando atenção ao que falávamos.

- Pode, papai? Somos "gandes" amigos. Podemos almoçar juntos.

- Tudo bem, se não atrapalhar o senhor Burch.

O senhor foi até a mesa, Brandon deslizou pela cadeira e foi até a geladeira.

- Hora do lanche, vovô. Aqui tem para nós dois. - Brandon voltou à mesa e tirou as coisas da sacola de papel.

- O senhor tem uma faca? - Brandon perguntou.

O senhor fez menção de se levantar.

- Deixe que eu pego. Me diga onde está - disse Brandon.

- As facas para manteiga estão no canto do balcão, na gaveta.

- Achei!

Brandon voltou à mesa. Desembrulhou o bolinho. Como se cortasse um diamante, dividiu-o em dois pedaços idênticos.

Colocou um deles sobre o plástico que o envolvia. Empurrou-o em direção ao senhor Burch.

- Este é seu. - Em seguida, desembulhou cuidadosamente o sanduíche e partiu-o ao meio. - Este é seu também. Temos que comer o "sandiche" primeiro. É o que a mamãe diz.

- Tudo bem - respondeu o senhor Burch.

- Você gosta de suco, Brandon?

- Gosto de suco de laranja.

Caminhando devagar, o senhor Burch foi até a geladeira.

Pegou uma lata de suco e encheu dois copos pequenos. Colocou um deles em frente a Brandon.

- Obrigado, vovô.

Enquanto comiam, Brandon fazia perguntas ao senhor Burch e continuava a colorir - Você joga hóquei, Brandon?

- Jogo - Brandon respondeu, examinando a ponta do sanduíche antes de mordê-la. - Papai me levou, com Tyler e Adam, no inverno.

- Há muitos anos, eu jogava num time de primeira linha, estava quase pronto para jogar na Liga Nacional de Hóquei, mas nunca fui convocado. Mas uma vez participei de uma partida com um jogador que foi para a Liga. Era um ótimo profissional. Ele se chamava Bill Moore - contou o senhor Burch.

Meu coração veio até a garganta.

- Tutter Moore? - perguntei.

O senhor Burch me olhou, surpreso.

- É, era ele... foi convocado para ir a Boston várias vezes.

Você ouviu falar dele?

- Ouvi - disse com a voz embargada. - O senhor está lanchando com o neto dele.

O senhor virou-se para Brandon e fixou o olhar no menino, que o olhava inocentemente.

- É... ele se parece muito com Tutter. E o nome da avó é Lillian?

- É - respondi.

O senhor segurou a mão de Brandon.

- Brandon, tenho de lhe pedir desculpas. Você estava certo e eu errado. Todo mundo conhece mesmo todo mundo.

Se você procurar uma forma de ajudar alguém, estará se ajudando também.

AUTOR DESCONHECIDO